

A participação feminina no periódico *Brasil-Portugal* (1899-1914)

Bárbara Coutinho Ornellas¹Eduardo da Cruz²

RESUMO

Este trabalho visa investigar no periódico *Brasil-Portugal*, editado em Lisboa entre 1899 e 1914, a participação e a colaboração feminina em uma revista direcionada ao público brasileiro e português na virada do século XIX para o XX, de modo a analisar a importância de produções literárias e intelectuais realizadas por mulheres nesse período, principalmente no que envolve seu papel na sociedade e as suas representações na escrita.

Palavras-Chave: Imprensa periódica. Escritoras. Relações luso-brasileiras.

A imprensa periódica

Apresentando-se como instrumento de expressão social, o estudo da mídia impressa se faz de extrema importância para o entendimento da época em que se situam. A escrita, longe de ser apenas um objeto de entretenimento e/ou de informações, é também um aparato cultural, em que é possível reconhecer os fatores sociais envolvidos no discurso. Nesse aspecto, há uma íntima relação entre a História da Literatura e a imprensa periódica, visto que a partir da leitura e da análise das produções publicadas é possível traçar um paralelo cronológico e contextual, que permite, entre outros aspectos, conhecer autoras e autores hoje silenciados pelo cânone. Foi dessa forma que, no grande século XIX, a imprensa serviu como mecanismo amplificador da voz feminina no Brasil e em Portugal, como assinala Isabel Lousada:

Muitas feministas de primeira vaga assumiram a Imprensa como veículo de propaganda eficaz do seu diário, pelo qual se entregaram e sacrificaram. E algumas delas [...] apostaram no seu efeito multiplicador. Exauridas, apostando em não deixar perder uma oportunidade que fosse – para reivindicar, denunciar, instruir e refutar – cientes de que a palavra escrita faria o seu caminho, amplificando o alcance espacial e temporal da sua mensagem. Assim, a imprensa serviu de amplificador da voz que queriam fazer ouvir – a voz das mulheres (LOUSADA, 2010, p. 3).

Ao longo da História, vários e importantes foram os papéis sociais desempenhados pela imprensa. Caracterizando-se como, em primeiro lugar, um respeitável veículo de informações, assumiu muitas vezes as funções de resgatar e manter culturas, motivar opiniões, e disseminar ideias. Por serem os

1 Graduada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora júnior do Real Gabinete Português de Leitura com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. barbaracoutinhoornellas@gmail.com

2 Doutor em Estudos de Literatura pela UFF (2013). eduardodacruz@gmail.com

periódicos economicamente mais acessíveis que os livros, eram capazes de propagar ideias de forma mais ampla, além de abrigar em suas páginas uma variedade de assuntos tratados sob diversas formas e múltiplas linguagens.

A expansão da imprensa periódica em língua portuguesa, ocorrida no Brasil nas primeiras décadas do século XIX a partir da chegada da família real, e em Portugal com o aumento de tiragens, de novos títulos, e de leitores, sobretudo a partir da vitória do liberalismo, permitiu que os jornais desempenhassem um papel cada vez mais ativo. Nesse período, ela apresentou-se como um material educativo e informativo, uma vez que era a responsável por levar à população informações do cotidiano e proporcionar o acesso a culturas porventura distantes, também tendo o objetivo de instruir e divertir o público leitor. Para consagrar-se como tal, cada periódico se utilizava de recursos próprios e afins para registrar e discutir os acontecimentos da época, fazendo-o por meio de manifestações artísticas, impressões pessoais, críticas, e reportagens documentais.

Nas informações contidas nas páginas de jornais e revistas é possível depreender não somente os fatos ocorridos, como também o pensamento que permeava a sociedade na época. A imprensa também se apresenta, nessa perspectiva, como um importante documento histórico, visto que registra valores do passado e, por se tratar de um material impresso, permite uma análise *a posteriori*. Nesse aspecto, vale ressaltar que essas informações registradas dizem respeito ao cotidiano longínquo de uma sociedade diferente da atual, e que o exame que se faz desses fatos é sob uma perspectiva diacrônica, em que é preciso o afastamento do objeto de análise para se compreender o modo de ver e de pensar da época como um todo. Além disso, é importante ressaltar que a imprensa não retrata a verdade propriamente, visto que as formulações escritas perpassam uma perspectiva pessoal ou institucional; não sendo possível, portanto, a imparcialidade. Atentando nisso, muitos historiadores, sobretudo os da Nova História, debruçaram-se sobre os jornais e revistas na intenção de investigar as diferentes formas pelas quais os mesmos temas eram tratados, além de observar a influência que eram capazes de exercer nos episódios de seu tempo, ao mesmo tempo em que eram influenciados pela sociedade que os produzia. Materiais como os periódicos, nesse sentido, oferecem aos pesquisadores “a medida mais aproximada da consciência que os homens têm de sua época e de seus problemas” (CAMARGO, 1971, p. 225), exprimindo impressões sociais do cotidiano.

A imprensa periódica também desempenhou importante função no que diz respeito à propagação da voz feminina, uma vez que deu espaço para que escritoras se expressassem. Nesse sentido, em Portugal se destaca o grande número de periódicos exclusivamente femininos, surgidos principalmente nos séculos XIX e XX, como, por exemplo, *O Correio das Damas* (1836), *Alma feminina* (1907), e *A mulher portuguesa* (1912)³. No Brasil também houve muitos títulos voltados especificamente a esse público, desde *O Espelho Diamantino* (1827-1828).

As mulheres que publicavam eram, em sua maioria, intelectuais pertencentes à elite, com acesso à educação. Esse não era o caso, no entanto, de grande parte da população feminina, motivo pelo qual muitas

3 Muitas pesquisadoras têm se dedicado ao estudo da imprensa periódica feminina, mostrando a importância recente que se tem dado a esse tipo de publicação. Maria Ivone Leal fez uma análise de diversos periódicos femininos ao longo do século XIX, assim como Ana Maria Costa Lopes realizou uma extensiva investigação nos títulos portugueses voltados para esse público. No Brasil, Constância Lima Duarte publicou recentemente o dicionário ilustrado *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*.

mulheres defendiam a instrução para esse gênero como forma de ascensão social. Assim, foram elas as responsáveis por retratar, por meio da escrita, figuras e arquétipos femininos comuns à época, promovendo reflexões acerca de seus papéis na sociedade. Sobre isso, Ana Maria Costa Lopes afirma que

a imprensa é um dos lugares privilegiados da manifestação de um pensamento feminino que luta por uma identidade que lhe era negada pelas estruturas sociais. Ao analisá-la, pode-se saber até que ponto conseguiram as mulheres ser porta-bandeiras e actoras de uma nova etapa histórica. De facto, o periódico é o lugar próprio das manifestações das ideias novas. É mesmo um dos mais importantes, dos mais livres, dos mais “vivazes” espaços de afirmação das mulheres oitocentistas, nele se retratando de maneira única a metamorfose feminina (LOPES, 2005. p. 18).

Mais do que buscar informações, a sociedade prezava também por entretenimento. Nesse aspecto, o periódico oferecia textos de diversos estilos e linguagens, além de seu fácil acesso ser um atrativo para os leitores e para as leitoras, que viam nele uma alternativa rápida e barata de se passar o tempo. Por esse motivo se deu a sua crescente diversidade e especialização, uma vez que muitos deles passaram a tratar de temas particulares a fim de agradar a seus leitores e conquistá-los, dedicando-se estritamente a assuntos como literatura, notícias, política, e ilustrações; além daqueles que se dirigiam a públicos específicos, entre homens e mulheres. Os periódicos, portanto, ao reunirem produções textuais e manterem relações com os leitores, estabeleciam uma íntima ligação com a Literatura, aspecto esse fortalecido pelos folhetins, que também se desenvolveram nesse período.

Nas relações entre Portugal e Brasil, a imprensa também se apresentou notavelmente. Muitos periódicos de origem portuguesa, por exemplo, circulavam também do outro lado do oceano, permitindo o intercâmbio cultural entre essas duas nações. Dentre os títulos de derivação luso-brasileira, ressaltamos a presença do *Brasil-Portugal*⁴, que serviu de suporte para o presente estudo.

O *Brasil-Portugal*

No período conhecido por *Belle Époque*, Brasil e Portugal passavam por momentos conturbados. Enquanto o primeiro se dedicava à modernização das cidades, buscando aproximá-las do modelo parisiense, afastando os pobres do centro e ampliando os espaços de circulação, e buscava o fortalecimento do regime republicano recém-instaurado, o segundo ainda se recuperava da crise gerada principalmente pelo Ultimatum, que contribuiu também para o enfraquecimento da monarquia e a proclamação da república em 1910. Dessa forma,

4 O Real Gabinete Português de Leitura (RGPL) possui em seu acervo 14 volumes do *Brasil-Portugal* correspondentes a 12 anos do periódico, prova de que essa publicação também foi importante para a colônia imigrante no Rio de Janeiro. Foi nessa insigne biblioteca que realizamos nossa pesquisa, lendo a revista em seu suporte original. Como forma de complementar a leitura dessa publicação, recorreremos ao sítio da Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML), no qual encontramos digitalizados os anos de 1912 e 1913, além de dois exemplares referentes a janeiro de 1914. Também foi preciso recorrer a essa fonte para consultar os números 287 e 288 (janeiro de 1911) do *Brasil-Portugal*, que não se encontram anexados aos volumes presentes no Real Gabinete. Vale ressaltar, também, que de acordo com sua ficha histórica, encontrada no sítio da Hemeroteca de Lisboa, esse periódico foi uma publicação que se estendeu até 16 de agosto de 1914, totalizando 374 números. As 13 últimas publicações da revista (números 362 a 374), no entanto, não se encontram no RGPL nem digitalizados pela HML, não sendo dessa forma possível analisá-las. Por falta de acesso ao restante do material, nossa pesquisa se concentra apenas no período correspondente entre a sua primeira publicação (1º de fevereiro de 1899) e seu exemplar número 361 (1º de fevereiro de 1914).

a relação entre os países em si também não era das melhores, já que pairava no ar um certo “estranhamento” entre Brasil e Portugal desde a Proclamação da República brasileira em 1889, pelo menos, acentuada pela ruptura das relações diplomáticas em Portugal em decorrência da Revolta da Armada (MÜLLER, 2011, p. 46).

Além disso, vale salientar que nesse momento o Brasil trabalhava na construção de sua própria identidade e, na defesa desse ideal, muitos intelectuais brasileiros lutavam para desatar os laços criados entre as duas nações. Por outro lado, a ex-colônia continuava a ser o destino privilegiado para a leva de imigrantes portugueses, que não cessavam de chegar. Dessa forma, na intenção de recuperar e fortalecer os vínculos que se perdiam, a intelectualidade portuguesa se utilizou da imprensa para resgatar as relações entre esses dois países, promovendo o aumento no número de textos que abordavam temáticas de interesse do público brasileiro e também de revistas especializadas, como é o caso da denominada *Brasil-Portugal*.

Brasil-Portugal foi uma publicação quinzenal, que se deu entre 1º de fevereiro de 1899 e 16 de agosto de 1914, na cidade de Lisboa, totalizando 374 números. Principalmente nos primeiros anos da revista, cada edição possuía cerca de 12 páginas de conteúdo, incluindo artigos e reportagens fotográficas, e outras 12 dedicadas a anúncios publicitários de comerciantes portugueses e brasileiros. Em sua primeira fase, o periódico se apresentava sobretudo como veículo de informações e difusor de cultura. A partir de 1910, com a implantação da República portuguesa, passou a atuar como plataforma de oposição. Sua proposta estava explicitada por seus diretores, Jayme Vitor, Lorjô Tavares e Augusto de Castilho, na segunda página da primeira edição:

A ideia é esta: tornar o Brasil conhecido em Portugal, tornar Portugal conhecido no Brasil, generalizando em cada um destes países a arte e a literatura do outro, e tornando apreciados de ambos, os escritores e os artistas, que na mesma língua, rica, sonora, rítmica, dizem o que na pátria portuguesa e na pátria brasileira tem o sentimento brilhante. As paisagens, os monumentos, as personalidades, as fábricas, os aspectos de cidades e vilas, que forem aparecendo em todos os números, lembrarão ininterruptamente, respondendo a uma curiosidade, ou avivando uma afeição, o Brasil a Portugal e Portugal ao Brasil.

[...]

E muito de propósito aguardamos o fim para dizer que o *Brasil-Portugal* tem a peito, acima de tudo, manter e apertar as relações do comércio e da indústria entre as duas nações irmãs pelo sangue, pelo sentimento e pela tradição. Eis aqui a ideia que traz consigo o *Brasil-Portugal*. (*Brasil-Portugal* n. 1, 1º de fevereiro de 1899, p. 2)⁵

É importante destacar que Augusto de Castilho era integrante de uma família que muito incentivou a produção feminina em Portugal. Seu pai, António Feliciano de Castilho, foi um dos responsáveis por ações em prol das mulheres e por abrir espaços na imprensa periódica a várias escritoras. No Brasil, seu tio José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha foi o redator da revista *Íris* (1847-1848), na qual havia também publicações de autoras portuguesas. Alexandre Magno Castilho, seu outro tio, fundou o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, que trazia substancial colaboração feminina, tanto portuguesa como brasileira (Cf. CHAVES & LOUSADA, 2015). Com sua morte, em 1912, Augusto de Castilho foi substituído por João Vasconcellos.

⁵ Optamos por atualizar a ortografia para a vigente no Brasil, mantendo a pontuação, como forma de aproximar o leitor contemporâneo dos textos veiculados nessa revista.

A ótima repercussão do periódico no Brasil é também atribuída em parte a Lorjô Tavares que, entre 1899 a 1905, e mais tarde em 1911, realizou viagens ao país na principal intenção de divulgar e promover a revista. Dessa forma, ele contribuiu não só para sua difusão, como também para a expansão da cultura brasileira, uma vez que suas crônicas eram publicadas na revista e, por meio delas, o Brasil era ainda mais conhecido em Portugal.

Voltado majoritariamente para as elites, o *Brasil-Portugal* oferecia informações gerais e de entretenimento, além de abordar frequentemente temas como história, literatura, arte e sociedade. No que diz respeito ao seu aspecto visual, apresentava constantes e diversas ilustrações e fotografias, aspecto esse considerado inovador para a época, garantindo beleza e requinte às suas páginas. Assim, era por meio de reportagens fotográficas ou mesmo fotos isoladas acompanhadas somente por legendas descritivas que as atualidades dos séculos XIX e XX eram também retratadas, reforçando, desta forma, o potencial e a qualidade da revista enquanto fonte de informações, além de atrair a atenção do público leitor para o seu conteúdo. Por ter exemplares comercializados nos dois lados do Atlântico, as notícias eram deste modo levadas de Portugal ao Brasil e vice-versa, fortalecendo as relações luso-brasileiras.

Apesar de não ser um periódico formado exclusivamente por mulheres, que eram minoria, mas contar com a participação de autores como Eduardo Schwalbach, Gervásio Lobato, Henrique Lopes de Mendonça, Abel Botelho, Olavo Bilac e muitos outros, o *Brasil-Portugal* mantinha uma significativa relação com o público feminino. Nota-se, por exemplo, em outro trecho da apresentação dos diretores, a preocupação em conquistar tal público, assinalando ser esse um dos objetivos da revista e prometendo a suas leitoras informações sobre acontecimentos de âmbito por vezes internacional, aspecto esse que enaltece sua figura, uma vez que são tratadas sob uma perspectiva não muito comum até então:

Acontecimentos palpitantes, nossos ou internacionais, terão aqui a sua repercussão tanto artística como literária. O *Brasil-Portugal* sabe que não é viável publicação desta natureza que mãos femininas não compulsem, que não interesse ou deleite o espírito feminino. É uma das suas missões delicadas: esforçar-se-á por cumpri-la (*Brasil-Portugal* n. 1, 1º de fevereiro de 1899, p. 2).

Esse público feminino não era, no entanto, formado apenas por mulheres na passiva função de leitoras. O periódico também dava espaço em suas páginas para que, por meio da literatura, elas expressassem suas ideias. A relação de colaboradoras, portanto, contava com algumas das principais escritoras do período, como destaca Rita Correia (2009): Adelina Lopes Vieira, Ana de Castro Osório, Branca de Carvalho, Júlia Lopes de Almeida, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria O'Neill e outras. Estas assumiram uma posição por vezes feminista, contribuindo para que tais ideias fossem cada vez mais propagadas, de modo a fazer com que o papel social das mulheres, tal como era visto, fosse aos poucos repensado.

Com base nisso, este trabalho visa investigar no *Brasil-Portugal* a participação e a influência feminina em uma revista direcionada ao público brasileiro e português na virada do século XIX para o XX, de modo a analisar a importância de produções literárias e intelectuais realizadas por mulheres nesse período, principalmente no que envolve seu papel na sociedade e as suas representações na escrita.

O principal critério de seleção dos textos que integram o *corpus* é terem sido produzidos por escritoras, fundamento este em que nos baseamos para que o *corpus* fosse constantemente delimitado ao longo da pesquisa. Em um primeiro momento, a partir do levantamento dos textos escritos por mulheres publicados no *Brasil-Portugal*, foram eliminados aqueles assinados de forma a não indicar expressamente autoria feminina. Assim, foram retiradas da seleção, por exemplo, publicações assinadas por Franz, S. M., J. A., C., A. Rodrigues, etc. Vale salientar, no entanto, que antes de serem descartados, foi feita uma breve pesquisa na intenção de descobrir o verdadeiro autor por trás da assinatura ao fim do texto (Cf. ANDRADE, 1999). Nesse processo, descobrimos ser Caiel o pseudônimo de Alice Pestana, Mercedes Blasco o de Conceição Vitória Marques, e Ondina o da escritora brasileira Carlota Silva. O nome de Duquesa Laureana foi também descoberto como não pertencente a uma mulher, mas como sendo um pseudônimo de Alfredo Gallis, tratando-se, portanto, de um texto de autoria masculina; tendo o escritor se utilizado de um nome aparentemente feminino para assinar sua produção. Embora seja interessante pensar nos motivos e nas estratégias que o levaram a fazer uso desse pseudônimo, este não é nosso objetivo.

Ao longo dos 14 anos considerados, o *Brasil-Portugal* trouxe em seus exemplares colunas com características e temas específicos, como é o caso da denominada “Pensamentos”, presente nos primeiros números da revista. Esta seção trazia citações de diversos autores, incluindo escritoras já falecidas, como Sophie Gay (1776-1852) e a Condessa Dash, pseudônimo de Gabrielle de Cisternes (1804-1872), algumas delas também tratando de questões femininas. Além dessa, a chamada “Os nossos artistas” passou a ser frequente no periódico a partir de 1912, quando a escritora portuguesa Maria O’Neill se tornou colaboradora efetiva do *Brasil-Portugal*. Nela, a autora discorre sobre a biografia e a vida de artistas, mas acabaram por ser apenas sobre homens.

Visto que nosso interesse eram as produções de autoras portuguesas e brasileiras, não analisamos produções de escritoras de outras nacionalidades, como é o caso de Marquesa de Ayerbe (espanhola) e Maria Krysinska (polonesa), que também apareceram no *Brasil-Portugal*, provavelmente republicações inseridas pelos diretores. Apesar disso, seus nomes também foram considerados no levantamento quantitativo que discutiremos mais à frente.

O mesmo ocorre com as traduções de textos estrangeiros feitas por escritoras. Apesar de serem originalmente produções masculinas, analisou-se o espaço dados às mulheres e sua participação no periódico, além de se considerar o aspecto de recriação do texto, uma vez que, mesmo não sendo sua autoria essencialmente feminina, pode ter havido a interferência da tradutora na obra, como era comum na época. Além disso, é importante ter em mente que a tradução era também uma atividade constantemente realizada por escritoras em sua profissionalização na área das letras como forma de obter renda.

A participação feminina no *Brasil-Portugal*

A partir do levantamento dos textos escritos por mulheres publicados no *Brasil-Portugal* foi possível observar diversos aspectos que se relacionam com a questão feminina e com o contexto em que estavam inseridas socialmente. As produções em questão são em sua maioria contos, crônicas, e poesias. A partir de julho de 1913, as biografias também se tornaram mais frequentes, presentes principalmente na coluna “Nossos artistas”, de Maria O’Neill. Ao longo dos 14 anos analisados do *Brasil-Portugal*

também foram publicados excertos de livros, estratégia essa que funcionava como uma espécie de propaganda, visto que oferecia uma amostra da narrativa e, assim, incitava no leitor a curiosidade pelo desfecho da história, contribuindo para a promoção das obras dessas mesmas escritoras.

Os temas tratados em suas escritas são diversos e incluem, por exemplo, poesias de cunho intimista e também com a temática da natureza, exaltações de figuras históricas como o padre Antonio Vieira e reis de Portugal, narrativas que retratam momentos e sentimentos vividos pelo protagonista, textos de caráter expressamente religioso, e homenagens a artistas e pessoas próximas. Destacamos aqueles cuja temática trata especialmente da questão feminina, sendo constante a presença de elementos que remetem à maternidade, ao casamento, à beleza, e ao pecado, todos constituindo o universo representativo do papel a ser desempenhado pela mulher naquela época.

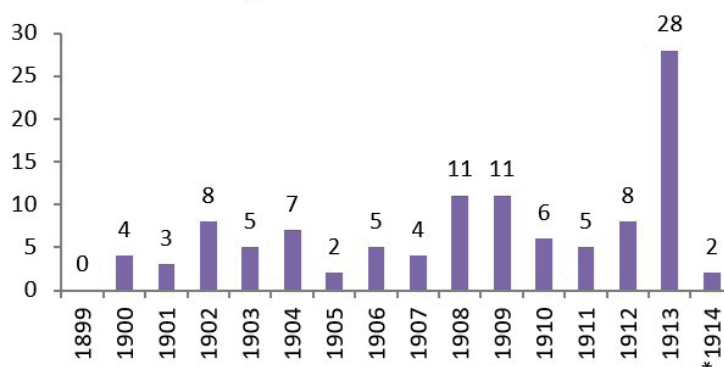
O espaço que lhes era dado nas páginas do *Brasil-Portugal*, apesar de parecer escasso, é significativo. Tem-se a média de oito textos por ano na publicação quinzenal, número alto se considerarmos que na época a participação de mulheres na imprensa ainda era restrita. Nesse aspecto, há de se atentar, principalmente, para a relevância dessas representações femininas em um espaço ocupado majoritariamente por homens que exerciam domínio sob os discursos, refletindo acerca do papel por elas desempenhado nas páginas do *Brasil-Portugal* e também nos rumos da História.

Em relação à quantidade de publicações femininas ao longo dos 14 anos analisados do periódico, pode-se dizer que se manteve constante, sendo mais ou menos presentes em alguns anos, mas frequentes ao longo de toda a vida do *Brasil-Portugal*. Destaca-se, no entanto, o ano de 1899, em que não houve contribuições de mulheres, e o de 1912, que contou com o maior número de textos de autoria feminina (ver Gráfico 1)⁶.

A não existência de tais produções no primeiro ano pode ser justificada pelo contexto social do século XIX, período esse em que a ideia de luta das mulheres por direitos e representatividade já existia, mas ainda caminhava a passos lentos e por isso não estava disseminada em Portugal. Sua posterior inclusão também denota uma preocupação dos diretores em atrair uma parcela maior do público feminino.

Gráfico 1

Publicações de autoria feminina

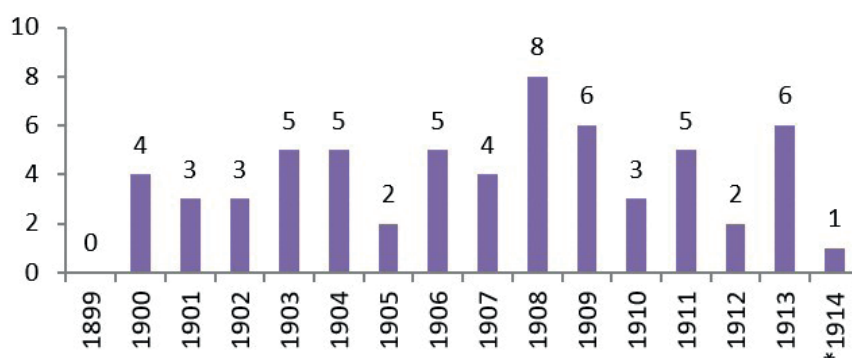


⁶ Do último volume, como já explicamos, tivemos acesso apenas às publicações referentes ao período de 1º de janeiro a 1º de fevereiro de 1913 (exemplares 359, 360, e 361 do *Brasil-Portugal*), o que justifica o baixo número de textos de autoria feminina nesse ano.

Outra leitura possível é a que considera a diversidade de autoras por ano, como apresenta o Gráfico 2. Nota-se, nesse aspecto, que o ano de 1908 foi o mais proeminente, contando com publicações de oito autoras diferentes. O de 1912, por sua vez, apesar de conter 29 textos de autoria feminina, conta apenas com a colaboração de cinco escritoras, sendo a maior parte dos textos desse período de autoria de Maria O’Neill.

Gráfico 2

Quantidade de autoras por ano



Também observamos que o número de autoras portuguesas é significativamente maior que o de brasileiras, o que faz com que pensemos que as mulheres nascidas em Portugal tinham maior facilidade em publicar no periódico em questão, apesar de este circular nos dois lados do Atlântico. Isso certamente se justifica pelo fato de sua produção se dar majoritariamente em Lisboa, demonstrando que o interesse pelo intercâmbio cultural era mais português do que do brasileiro.

As representações femininas na voz de mulheres escritoras

Entre esses textos publicados ao longo dos 15 anos do periódico, a sessão intitulada “Consultório de Luiza”, presente no *Brasil-Portugal* nos meses de março e abril de 1910, merece destaque. Nela, a autora – referida como Luiza, simplesmente – responde às cartas de suas leitoras. Não se tem, no entanto, acesso a essas missivas, apenas à sua resposta, o que prejudica o entendimento do assunto, uma vez que está descontextualizado. Este, apesar de não ser um gênero literário tradicional, era muito comum em periódicos femininos do século XX, e sua ênfase se dá no público-alvo especializado: as mulheres. É possível que nem existam, de fato, as cartas com as questões abordadas, e que as respostas sejam, na verdade, criações ficcionais para discutir aspectos da vida das mulheres. Assim, era por meio dessa estratégia literária que as autoras não só se expressavam como procuravam formar comportamentos e opiniões.

No caso de “Consultório de Luiza”, não havia muito espaço para a elaboração das possíveis questões tratadas nas correspondências das leitoras, uma vez que a seção dividia o espaço na página com a intitulada “A moda” (ver Figura 1), que trazia principalmente ilustrações de vestimentas para mulheres. Esse recurso de diagramação era característico do *Brasil-Portugal*, que dispersava imagens

muitas vezes destoantes e sem relação com o texto de que estavam próximas. Nesse caso, no entanto, vale pensar na relação entre o assunto abordado na sessão “A moda” e na possível essência do “Consultório de Luiza”, considerando que o primeiro espaço era dedicado a ditar comportamentos e tendências de acordo com padrões a serem seguidos pelas mulheres, e o segundo, por meio de uma figura feminina que se assume, ficcionalmente, como uma amiga que muitas vezes compreende a leitora e a aconselha, a repensar os papéis sociais impostos. Os leitores da época da publicação a que nos dedicamos não se confrontavam com textos abstratos, mas com objetos cuja organização condicionam sua leitura, apreensão e compreensão do texto lido (cf. CHARTIER, 1990). No caso específico de uma revista, a posição do texto na página, seu tamanho, o formato do título, a participação constante ou não de seu autor ao longo do periódico, são elementos materiais que influenciam na significação de um texto. Assim, é importante ter sempre em mente que esses textos de Luiza vinham acompanhados dessas ilustrações para o sexo feminino, de modo que o periódico procurava, tanto pela pena quanto pela imagem, influenciar o cotidiano das mulheres.



Fig. 1 - *Brasil-Portugal* n. 269 – Consultório de Luiza acompanhando ilustrações de moda.

Entre os demais temas abordados nas produções literárias das escritoras, o casamento aparece de forma significativa, dando indícios das situações sociais da época.

Um dos textos a tratar do assunto intitula-se “A alma de Tilda”, escrito por Claudia de Campos e publicado no *Brasil-Portugal* em 1902. De caráter intimista e reflexivo, o conto se propõe a pensar questões que envolvem a mulher e sua atuação na sociedade, principalmente no que diz respeito ao que dela se esperava. Na história, a personagem Matilde está para se casar com um rapaz arranjado por sua família. Mostrando-se apreensivo, o narrador faz constantes reflexões sobre a essência do casamento, acreditando que tal tipo de relação só deve ser estabelecida se houver entre as pessoas sentimentos de amor e carinho. Vejamos:

A família desejava casá-la. O visconde de Lemos reunia as qualidades requeridas para um noivo perfeito, sob o ponto de vista mundano – diverso do dela. Fisicamente, ele não lhe desagradava, mas não o podia aceitar, sem transigir com as suas próprias ideias; com a essência mais fina da sua alma. Contudo, era preciso tomar partido, dar uma direção à sua existência (CAMPOS, 1902, p. 378).

Assunto semelhante é abordado em “Os contras do divórcio”, da escritora portuguesa Maria O’Neill, que retrata uma situação encarada por muitas mulheres que permanecem envolvidas no casamento para não serem mal vistas socialmente. Nesse sentido, o conto narra a história de Branca, que aos 15 anos se casara com um homem divorciado, mas que mantinha constantemente contato com a ex-esposa, sendo um marido ausente para a protagonista. Nos momentos em que ela reclamava de tal atitude, “ele protestava que eram invenções, ciúmes sem motivo, filhos duma imaginação nervosa e desvairada”, o que “ofendia Branca ainda mais do que a própria falta” (O’NEILL, 1913, p. 170). Um dia ela resolve abandoná-lo, levando o filho consigo para longe de Portugal. O mesmo divórcio apontado como causa do sofrimento da protagonista, pois o marido não teria abandonado de fato a primeira família, seria também a solução para seus problemas matrimoniais, se o objetivo de Maria O’Neill não fosse criticar uma das principais bandeiras de luta das feministas portuguesas daquela época: o direito ao divórcio. Dessa forma, a mulher retratada na narrativa se mostra infeliz com seu casamento, apontado como um mero contrato social comandado por sua família. O sentimento de tristeza é frequentemente sentido pela personagem, que chega a considerar a ideia do suicídio. Por essa e outras razões é ela encarada por seu marido como “louca” e “maníaca” (O’NEILL, 1913, p. 170), o que reforça sua melancolia. No momento em que ela resolve deixá-lo, assume uma postura de força e determinação, apesar da lástima que sentia. Ao tomar essa atitude, Branca rompe com os padrões sociais que a manteriam em um núcleo familiar sustentado apenas por aparências, sem amor ou alegrias. Para a mulher da época, essa era uma conduta insurgente, uma vez que o esperado era que se mantivesse fiel ao casamento e cumprisse com seus papéis sociais de mãe e esposa. A figura feminina aqui retratada por Maria O’Neill apresenta-se como corajosa, motivada pelo sentimento materno de zelo e dedicação ao filho, além da esperança de uma vida mais prazerosa. Sobre isso ela afirma, dirigindo-se à criança: “quero viver, e viverei porque quero, por ti e para ti.” (O’NEILL, 1913, p.171).

Tem-se presente nesses e em outros textos da revista, portanto, a ideia do casamento arranjado, realizado contra a vontade da mulher, além de sua imagem como sacrifício. Sendo essa uma prática comum no século XIX, o matrimônio se apresenta como uma forma de ganho ou manutenção do *status* social, além de ser uma ferramenta para se alcançar a estabilidade financeira, não a felicidade das mulheres.

Nesse aspecto, vale salientar que o posicionamento contrário à ideia do casamento arranjado é constantemente enfatizado pelas protagonistas de uma série de narrativas publicadas nessa revista, que se mostram receosas e apreensivas com a situação. Relacionando-se aos ideais do matrimônio, o tema da estrutura e formação familiar também é retratado com frequência na voz de mulheres escritoras. Nesse sentido, a figura materna se apresenta como principal alvo de reflexões.

O texto de estreia de Júlia Lopes de Almeida no *Brasil-Portugal* foi publicado no número 29 da revista, em 1º de abril de 1900. Nele são enaltecidos os hábitos da família brasileira, sempre em contraste com os da portuguesa, com a qual são feitas constantes comparações no decorrer da pro-

dução. Em seguida, Júlia Lopes de Almeida passa a tratar da questão feminina, propriamente, começando por enaltecer as brasileiras ao afirmar que “em nenhum país a mulher ama com tamanha dedicação e tão absoluta sinceridade” (ALMEIDA, 1900, p. 66) e, baseada nessa ideia de dedicação e amor, acredita que “guarda para a maternidade, e até a morte, toda a frescura do coração que nem a dor nem a desilusão endurecem” (ALMEIDA, 1900, p. 66). A partir daí, a autora se debruça na imagem de uma mãe dedicada e protetora, que erra na educação de seus filhos devido ao excesso de amor sentido por eles:

Por isso erra; peca por extremada.

Se bastasse ternura para o aperfeiçoamento das almas, as de nossos filhos seriam ideais! A mãe brasileira perdoa todas as culpas, abre os braços a todos os arrependimentos, fecha os olhos a todos os erros, abre-os à irradiação das boas ações, não pune, não educa, não corrige; revolta-se contra as opressões, não prepara os filhos para a Vida: mas também não os expulsa, não os enjeita; filho ou não filho do pecado, dá-lhe o peito, luta por ele, e se por ele morre, inda o seu gesto esboça no ar a bênção divina em que paira toda a sua alma (ALMEIDA, 1900, p. 66).

Nesse artigo, Júlia acusa as mães por não prepararem seus filhos para a vida, assinalando ser delas a responsabilidade por suas más-criações. Ao mesmo tempo, ela demonstra empatia e defende a postura das mulheres, prontificando-se apenas a apontar o excesso de amor e cuidados como justificativa para os erros cometidos pelas mães na educação dos filhos.

Essa pode também ser uma estratégia utilizada pela autora para de fato chamar a atenção de suas leitoras sem criticá-las diretamente. Uma das particularidades da escrita de Júlia, e que garantiu seu sucesso com o público, é a linguagem moderada e equilibrada empregada em seus discursos. Essa é uma característica que sustenta a ideia de “feminismo possível”, defendida por Leonora de Luca para a obra de Almeida e que vemos também em outras escritoras do *Brasil-Portugal*:

Num certo sentido, sua propalada “amenidade” refere-se mais a recursos estilísticos (sua estratégia de “aconselhar persuadindo”) do que ao caráter brando de seu feminismo propriamente dito. Foi justamente graças às suas pouco agressivas intervenções que a escritora teve acesso garantido à grande massa de leitores distribuídos pelos mais diferentes estratos sociais. Propostas de cunho mais revolucionário iriam bani-la da grande imprensa, principal meio de comunicação de massa da época – condenando-a a permanecer confinada às páginas dos periódicos de circulação restrita e minúscula tiragem. (LUCA, 1999, p. 298).

O tema da família e da educação também é abordado por Caiel em seu conto “A primeira infância do Zizi”, desta vez de forma mais incisiva. A figura materna surge novamente de forma protetora. Neste conto, a mãe, assim como os demais membros da família, faz planos para o futuro da criança, mas nada de teor grandioso e que implique distanciamento do núcleo familiar. É com base nas ideias de proteção e cuidado que ela lamenta que Zizi tenha que um dia frequentar a escola e afastar-se dela. Pois, além da vontade de ter seu filho por perto e sob seus cuidados, nota-se a representatividade social que ele lhe traz. Nesse sentido, a mãe surge como uma metonímia da mulher, que ganha respeitabilidade quando junto do filho, como destaca o trecho a seguir:

E, depois também, a falta que ele lhe fazia! O Marcial [pai do Zizi] não a deixa sair só. Uma mania! Mas com o pequeno não se importa. Aquela criaturita dá-lhe respeitabilidade. A verdade é que, indo com o Zizi, raro lhe dizem alguma coisa na rua. Ou então, ouve e vê ela menos, por ir entretida (CAIEL, 1902, p. 499).

Assim, é possível pensar a visão da mulher enquanto mãe perante a sociedade, visto que, de acordo com a narrativa de Caiel, a maternidade é o que lhe permite ser bem vista e respeitada, dando-lhe certa liberdade por estar cumprindo seu papel. É dentro do ambiente familiar que ela assume um papel digno, e daí a importância do casamento e da maternidade enquanto instituições sociais.

Já no poema de Lutegarda de Caires, tem-se retratada a história de vida de Guimar, uma mulher que se entregou a um homem de quem teve um filho, mas que logo a abandonou, tendo ela passado o resto de sua vida sozinha e na esperança de que seu amado voltasse. Ao final, quando seu filho morre, ela não aguenta a dor e a saudade e acaba por morrer também. Na primeira estrofe, o sujeito poético faz um alerta às mulheres, procurando adverti-las, por meio da história a ser contada, das consequências que o encantamento amoroso pode provocar. Assim, o exemplo de Guimar se contrasta com a ideia de contos de fada, estabelecendo-se uma relação entre mundo real e mundo idealizado: “Nunca deixem de contar, / Entre as histórias de fadas, / Esta lenda de Guimar” (CAIRES, 1910, p. 207). Em seguida, temos conhecimento do que ocorreu à personagem. Sua imagem é traçada como a de mulher inocente que, apaixonada, deixou-se levar pelas graças de um rapaz sem antes assumirem um compromisso. Apontada, por isso, como “tontinha”, é ela responsabilizada pelos sentimentos nutridos por João, caracterizado como “íngrato sedutor”. Essa seria a causa de toda sua desventura, condenando apenas a mulher por não se comportar como a sociedade determinava.

O poema representa também o sentimento de esperança perdurado em Guimar, que passou a acreditar que o filho que esperava faria seu amado a querer novamente, sendo um motivo para reencontrá-la e, possivelmente, constituir uma família seguindo os padrões tradicionais. Não é isso, contudo, que se sucede. Sozinha, ela é obrigada a cuidar da criança e a lidar com o desamparo do rapaz: “Mas Joãozinho esquecido, / Não mais pensou em Guimar, / Nem nesse filho querido, / Que ela embalava a chorar, / Num enlevo enternecido!” (CAIRES, 1910, p. 207). Neste caso, a figura maternal não se torna respeitável por não ser casada, deixando patente o modelo de família aceito socialmente.

É a partir dessas questões femininas e do desejo de mudança que muitas mulheres se viram motivadas a buscar novas configurações de liberdade. O movimento feminista, nesse sentido, trouxe significativas contribuições para a reformulação do pensamento da época, incitando nelas a vontade de lutar por uma vida mais justa. Na virada do século XIX para o XX, era sabido que uma mudança no papel social da mulher era necessária para acompanhar o ritmo da sociedade que se formava.

Aos poucos, as mulheres tomavam conhecimento da força que tinham em si. Maria Amália Vaz de Carvalho, apesar de se posicionar, em outros momentos, contrária ao feminismo, em uma crônica publicada em 1907 no *Brasil-Portugal*, acredita que “se as mulheres tivessem um pouco mais a consciência da sua missão, seriam elas das mais intrépidas combatentes” (CARVALHO, 1907, p. 160). Inspiradas nesse sentimento de determinação e autoconfiança, muitas se utilizam da imprensa periódica para expressar suas ideias e propagar o novo pensamento que se formava, mesmo que nem sempre defendessem grandes avanços nos direitos e nas mentalidades.

Inaugurando a temática propriamente feminista, alguns anos antes, em 1905, Ana de Castro Osório, reconhecida defensora dessa luta, publicou no periódico o texto “A mulher de há trinta anos e a mulher de hoje”⁷, no qual traça um panorama histórico da condição feminina. A autora primeiramente

⁷ É parte do seu manifesto *Às mulheres portuguesas*, do mesmo ano.

apresenta o perfil geral das mulheres da geração passada e em seguida assinala serem elas melhores do que as de então. A partir daí, o artigo se direciona para a questão literária, e a autora, além de questionar a passividade das mulheres na Literatura, questiona também sobre quem eram os leitores de seu tempo. Conforme se aproxima da conclusão, percebe-se que o alvo da crítica não é o papel desempenhado pelos escritores, mas diz respeito à educação das mulheres e é, no fundo, de teor social:

Não, a falta não é dos escritores, a falta é só da mulher que não está educada bastantemente (apesar de certos críticos acharem que o está já demais!...) para discernir e escolher o bom caminho que o mais vulgar senso comum lhe indica: uma educação séria e fundamentada, começando nas coisas práticas e úteis da vida, acabando na literatura e na arte em geral, que é por assim dizer a alma falante dum povo.

É urgente que se convençam de que mulher ignorante é o mais triste e aborrecido verbo de encher que a sociedade agasalha. Se é bonita, elegante, e veste bem, começa por ser um prazer para os olhos e acaba por se tornar um desprazer maior para o espírito, quando responde com o mutismo da ignorância convicta, ou com a tagarelice da ignorância atrevida, a uma simples conversa em que pessoas cultas jogam com ideias e conhecimentos como as crianças com as irisadas bolas de sabão que tanto as alegram.

Isto olhando-a pelo lado social, que na vida familiar os efeitos da ignorância feminina são ainda de mais tristes e deletérias consequências (OSÓRIO, 1905, p. 234).

É por meio de uma linguagem dura que Ana de Castro Osório chama a atenção para a importância da educação das mulheres como forma de aprimorar seu conhecimento cultural e, conseqüentemente, reforçar sua capacidade intelectual. A ideia de educação feminina defendida por Ana de Castro Osório se enquadra no pensamento correspondente ao que ficou conhecido por primeira vaga do feminismo, ocorrida entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, e que consistia, entre outras coisas, na busca pelo acesso à educação e à profissionalização literária e artística.

Enquanto Ana de Castro Osório defende a educação das mulheres não para aprimorar unicamente suas habilidades enquanto educadoras, mas para seu crescimento pessoal, Maria O'Neill se mostra relutante a essa ideia. Defensora da opinião de que à mulher cabe a responsabilidade de formar os filhos, O'Neill acredita que a luta por direitos prejudica a estrutura familiar, uma vez que há o esquivo de seu compromisso enquanto mãe para dedicar-se a lutas que, segundo a autora, "é uma utopia que como a maioria dos sonhos sociais nunca se poderá realizar inteiramente" (O'NEILL, 1913, p. 125). Dessa forma, a escritora ataca fortemente os ideais feministas, posicionando-se com veemência de forma contrária ao movimento, atacando as mulheres que procuram algum tipo de protagonismo fora de seu papel familiar:

[...] estão contentíssimas por desempenhar talvez um papel na história da sociedade futura. Desempenhar um papel! É isto que as deslumbra, que as tenta, que as arrasta. E não hesitam em sacrificar o futuro dos filhos à triste vaidade de se tornarem salientes (O'NEILL, 1913, p. 125).

Apesar disso, nota-se que em momento algum a escritora desmerece a importância das mulheres na família, pelo contrário; enaltece sua existência ao acreditar que são elas as responsáveis pela formação dos cidadãos futuros, tarefa essa das mais nobres e complexas. Na relação conjugal, acredita caber a elas a manutenção do casamento, sabendo conquistar seus maridos por suas habilidades pessoais. Nessa configuração não há, portanto, espaço para lutas políticas e causas sociais. É dessa forma mais conservadora, então, que Maria O'Neill se coloca contra o movimento feminista, mas não contra as mulheres:

Eduque-se a mulher para mãe. Que ela deixe de ser um anzol para pescar marido e perdê-lo logo a fio, por não saber conservá-lo, ou porque lhe não liga atenção desde que deixou de ver nele o incondicional admirador de todos os caprichos e exageros a que a moda arrasta, para ter o censor que não quer ver ridícula, nem duma maneira equívoca, a mulher que usa seu nome (O'NEILL, 1913, p. 84).

Em relação à igualdade entre os gêneros, propriamente, essa escritora acredita serem os papéis sociais bem delimitados e definidos, cabendo às mulheres apenas o ambiente doméstico. Por isso, também discorda que seja por meio do feminismo que elas encontrem a justiça que procuram:

Mulher e homem completam-se. São duas partes dum todo, e de mãos dadas é que é o caminho. Ela, na sua missão de mãe e educadora, ele, no seu papel de pai e educador, ambos, um em casa outro na rua, trabalhando para o mesmo fim, conjugando os seus esforços na mesma ideia: o aperfeiçoamento das gerações por vir. E do trabalho em comum, sem disputas nem invejas, porque o homem não pode invejar a mulher nem a mulher tem que invejar o homem – são diferentes – nasceria o equilíbrio social. Nem escravas, nem dominadoras (O'NEILL, 1913, p. 159).

Sobre essa mesma questão, Margarida Bodin, em 1906, assume um posicionamento diferente na crônica “Da solidariedade feminina, em defesa da mulher contra o homem”. De teor claramente feminista, o texto é construído com uma linguagem objetiva e direta, em muitos momentos aproximando-se do tom de um manifesto. Nele é defendida a igualdade de gênero e a solidariedade feminina, no sentido de reforçar a necessidade da empatia entre as mulheres, não devendo elas se encararem como inimigas. De acordo com a autora, essa ideia de rivalidade é reforçada e incentivada pelos homens, que “tem-se aproveitado da falta de união das forças femininas, fazendo da mulher a sua própria inimiga” (BODIN, 1906, 299). Explica ela:

Pois nós mulheres mostraremos menos compaixão para com as nossas semelhantes? Estas desgraçadas não serão dignas da nossa comisseração, por ser grande a sua desgraça? Elas são, como nós, virgens ou esposas, vítimas da triste situação em que a sociedade coloca a mulher, negando-lhe o direito de exercer um grande número de profissões, depois de lhe ter fechado os estabelecimentos científicos, os institutos industriais, comerciais e outros, cujas portas deveriam estar francamente abertas para a mulher como para os homens. (BODIN, 1906, p.299).

Percebe-se, portanto, pela leitura de uma variedade textos de diversas escritoras, que as questões que envolviam a vida das mulheres, sua condição social, e mesmo as lutas feministas, estavam longe de ser consenso. Todavia, eram assuntos que motivavam a escrita e o desejo de participação no debate público. Mesmo as mais conservadoras acabavam por assumir posição de destaque por quererem também elas se fazer ouvir.

Considerações finais

Nas páginas do *Brasil-Portugal*, a escrita feminina se apresenta como uma poderosa ferramenta que permite, entre outros aspectos, perceber como se deu a inclusão das mulheres na sociedade. Ao expressarem suas emoções e manifestarem seus pontos de vista no espaço que lhes era dado no periódico, seus pensamentos ganharam voz, e foi, nesse sentido, também por meio da Literatura que se fizeram ouvidas. Assim, ao trazer, pela pena das escritoras, ideias avançadas e outras mais conserva-

doras sobre o papel que as mulheres deveriam exercer na sociedade, a revista apresentou-se também como um importante mecanismo de discussão e de mudança, pois serviu de suporte a novos ideais e contribuiu para a reformulação e disseminação do pensamento da época.

Dessa forma, resgatar e reforçar a voz e o nome de escritoras, ao longo do tempo silenciadas e olvidadas pela historiografia literária, foi um dos propósitos a que se dedicou este estudo. Refletindo sobre a importância de produções intelectuais realizadas por mulheres nesse período, principalmente no que envolve a relação de seu papel social e as suas representações, acreditamos ser possível trazer contribuições para o estudo da escrita feminina, oferecendo uma nova perspectiva sobre sua atuação na literatura e na sociedade.

The female participation in the Brazil-Portugal periodical (1899-1914)

ABSTRACT

The objective of this work is to investigate in the newspaper *Brasil-Portugal*, published in Lisbon between 1899 and 1914, a feminine participation and collaboration in a magazine directed to the Brazilian and Portuguese public in the turn of century XIX towards the XX, in order to analyze the importance of literary productions specially that involve their role in society and as their representations in writing.

Keywords: Periodical press. Women writers. Luso-brazilian relations

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Júlia Lopes de. “A família brasileira”. Brasil-Portugal, 1º de abril de 1990: 66.
- BODIN, Margarida. “Da solidariedade feminina, em defesa da mulher contra o homem” Brasil-Portugal, 1º de novembro de 1906: 299-300.
- BRASIL-PORTUGAL, 1º de fevereiro de 1899, n.1: 2.
- CAIRES, Lutegarda de. “A lenda de Guimar”. Brasil-Portugal, 1º de agosto de 1910: 207.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 5., 1969, Campinas. Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Portos, rotas e comércio. São Paulo: FFLCH-USP, 1971, v. 2. p. 239. Respostas às intervenções dos simposistas.
- CAMPOS, Cláudia de. “A alma de Thilda”. Brasil-Portugal, 16 de março de 1902: 441-443.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. “O pessimismo”. Brasil-Portugal n. 202, 1907: p. 60.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 1990.
- CHAVES, Vania & LOUSADA, Isabel. “Apresentação”. in: CHAVES, V.; LOUSADA, I.; ABREU, Carlos. As senhoras do almanaque: catálogo da produção de autoria feminina. Lisboa: BNP: CLE-PUL, 2015.
- CORREIA, Rita. “Brasil-Portugal” [Ficha histórica]. Lisboa; HML, 2009. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>>. Acessada em 10/01/2017.
- LOPES, Ana Maria Costa. Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos e modernidade. 1ª edição. Quimera, 2005.
- LOUSADA, Isabel. Humor e feminismo: qual é a graça: a sátira de Maria O’Neill ou a contradição dos sexos. Vols. 4, n. 2, em História, 91-102. Rio Grande do Sul, 2013.
- LUCA, Leonora de. “O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida”. Cadernos Pagu, 1999: 275-299.
- LUIZA. “Consultório de Luiza”. Brasil-Portugal, 1º de abril de 1910: 74-76.
- MÜLLER, Fernanda Suely. “Lorjô Tavares, esse ilustre desconhecido de Brasil-Portugal (1899-1914).” Todas as letras, v. 13, n. 2, 2011, 44-52.
- O’NEILL, Maria. “Os resultados do feminismo”. Brasil-Portugal, 16 de junho de 1913: 158-159.
- _____. “A mulher”. Brasil-Portugal, 16 de abril de 1913: 83-84.

_____. “A propósito das sufragistas inglesas”. *Brasil-Portugal*, 16 de maio de 1913: 125-127.

_____. “Os contras do divórcio”. *Brasil-Portugal*, 1º de julho de 1913: 170-171.

PESTANA, Alice (Caiel). “A primeira infância do Zizi”. *Brasil-Portugal*, 16 de junho de 1902: 499.

BIOGRAFIA

Bárbara Coutinho Ornellas

Graduanda em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora júnior do Real Gabinete Português de Leitura com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. barbaracoutinhoornellas@gmail.com

Eduardo da Cruz

Doutor em Estudos de Literatura pela UFF (2013); professor adjunto de Literatura Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ; pesquisador do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (grupo de pesquisas cadastrado no CNPq) do Real Gabinete Português de Leitura; investigador colaborador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. eduardodacruz@gmail.com